

AS BOLHAS SOCIAIS E O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS SOCIAL BUBBLES AND HATE SPEECH ON NETWORKS

Beatriz Pereira de Jesus¹
Thalita Lacerda Nobre²

RESUMO: O artigo examina as bolhas sociais e o discurso de ódio nas redes. Inicialmente, explora como os grupos sociais são essenciais para a formação do indivíduo e como a busca por similaridade leva à rejeição das diferenças, conforme a teoria psicanalítica do "narcisismo das pequenas diferenças". A metodologia consiste em análise teórica de textos clássicos e artigos acadêmicos sobre sociedade, psicologia, e processos grupais, visando compreender sobre o fenômeno da formação de "bolhas sociais" e da produção de discurso de ódio por esses grupos presentes nas redes sociais digitais. Os resultados indicam que o narcisismo excessivo leva ao isolamento em grupos homogêneos, recusando diferenças e gerando discursos de ódio como mecanismo de defesa, facilitado pelo ambiente virtual facilita o anonimato. Conclui-se que essas bolhas resultam de um processo psíquico de intolerância ao diferente, exacerbado pela dinâmica das redes sociais.

Palavras-chave: Bolhas sociais. Discurso de ódio. Psicologia.

ABSTRACT: The article examines social bubbles and hate speech on networks. Initially, it explores how social groups are essential for the formation of the individual and how the search for similarity leads to the rejection of differences, according to the psychoanalytic theory of "narcissism of small differences". The methodology consists of theoretical analysis of classic texts and academic articles on society, psychology, and group processes, aiming to understand the phenomenon of the formation of "social bubbles" and the production of hate speech by these groups present on digital social networks. The results indicate that excessive narcissism leads to isolation in homogeneous groups, refusing differences and generating hate speech as a defense mechanism, facilitated by the virtual environment that facilitates anonymity. It is concluded that these bubbles result from a psychic process of intolerance to the different, exacerbated by the dynamics of social networks.

Keywords: Social bubbles. Hate speech. Psychology.

INTRODUÇÃO

A pesquisa observa os movimentos sociais atuais que destacam as diferenças entre populações de um mesmo território. Com base na teoria psicanalítica, entende-se que o ser humano, por sua natureza gregária, busca proteção e satisfação de seus instintos através do grupo. A formação do sujeito depende de sua inserção em um grupo e, posteriormente, em uma sociedade, influenciada por contextos históricos e culturais (FREUD, 1921/2011). A hipótese central sugere que nas sociedades ocidentais modernas há uma tendência crescente

¹ Graduanda em Psicologia. Universidade Católica de Santos. E-mail: beatriz.jesus@unisantos.br

² Doutora em Psicologia clínica. Docente da Graduação e Mestrado em Psicologia na Universidade Católica de Santos. E-mail: thalita.nobre@unisantos.br

de os indivíduos se unirem a grupos restritos e homogêneos, o que Freud chamou de "narcisismo das pequenas diferenças". Esse conceito indica que os indivíduos buscam se associar com semelhantes e rejeitam aqueles que se diferenciam (Reino, 2011). Exacerbado, esse mecanismo pode levar à criação de "bolhas sociais", que funcionam como uma forma de proteção contra a diferença, aumentando a probabilidade de surgirem discursos de ódio, uma forma inconsciente de lidar com o medo do desconhecido. O discurso de ódio, conforme a psicanálise, reflete a projeção de aspectos rejeitados do próprio indivíduo sobre o outro (Freitas *et. al.*, 2024).

Segundo Ely Chinoy (2003), a sociedade é um complexo sistema de relações e interações que moldam as expectativas e comportamentos dos indivíduos. O ser humano, naturalmente gregário, busca pertencer a grupos como família, religião ou outros coletivos, o que influencia seu desenvolvimento social. O psicanalista Donald Winnicott (2013) destaca o papel do ambiente familiar na formação do indivíduo, o que permite que ele compreenda e interaja com o mundo à medida que desenvolve física e psiquicamente. Ao longo da vida, o indivíduo se identifica com a sociedade e, ao reconhecer aspectos familiares no mundo externo, adquire independência. No entanto, esse processo pode ter retrocessos, especialmente na adolescência. Durante esse período, o apoio dos pais é fundamental para ajudar os filhos a transitar entre diferentes grupos sociais (Winnicott, 2013). Assim, grupos políticos, ideológicos e culturais também têm um papel importante na formação social, à medida que os indivíduos se identificam com crenças e objetivos comuns. Chinoy diferencia as sociedades em comunitárias e societárias. Nas comunitárias, as relações são baseadas em proximidade, solidariedade e valores compartilhados, enquanto nas societárias, típicas das sociedades modernas, as interações são mais impessoais, reguladas por contratos e sistemas legais formais.

Nesse contexto, o Estado tem um papel crucial na manutenção da ordem e segurança social, regulando as relações por meio de leis que visam ao bem-estar comum (Della Torre, 1976). Na perspectiva psicanalítica, Freud (1912-1913/2012) sugere que os primeiros grupos humanos se formaram em torno de laços familiares e símbolos sagrados, o que garantiu a coesão social. Rousseau (1998) complementa essa ideia com seu conceito de "contrato social", no qual a liberdade natural é substituída pela liberdade civil, assegurada pela vontade geral. O Estado, nesse contexto, deve garantir a igualdade e a liberdade dos

cidadãos, agindo em prol do bem comum. Na perspectiva psicanalítica, grupos surgem a partir de uma relação simbólica entre seus membros, unidos em torno de um ideal. Freud (1921/2011), baseado nas ideias de Trotter e LeBon, argumenta que o ser humano possui um instinto gregário, levando os indivíduos a buscarem a segurança do grupo, ignorando seus interesses pessoais. O indivíduo, em grupo, adota comportamentos coletivos que não teria sozinho, sendo influenciado pelas ações do grupo e suas emoções contagiosas.

Bion (1970) define grupos como aqueles com um propósito comum e a capacidade de absorver novos membros sem perder sua identidade. Ele destaca que, para manter a coesão, o grupo precisa de estrutura e de adaptação às mudanças, ao passo que Freud salienta que McDougall distingue grupos organizados de massas desorganizadas, atribuindo a violência e impulsividade às últimas. Freud também observa que, em grupos, os indivíduos se tornam mais influenciáveis, sendo propensos a extremos emocionais, como o ódio. A massa tende a respeitar autoridade e liderança, e os indivíduos se identificam com líderes idealizados, especialmente os que exibem narcisismo. O comportamento do grupo pode tanto elevar quanto degradar a moral (Silva, 2016). Freud introduz o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, sugerindo que a dificuldade em aceitar o outro se dá pela percepção de ameaça à própria identidade. Reino (2011) explica como Crawley complementa com a ideia do “tabu de isolamento pessoal”, que regula a proximidade entre indivíduos. No ambiente das redes sociais, essa dinâmica se reflete nas “bolhas sociais”, onde indivíduos se isolam em grupos homogêneos, facilitando a disseminação de discursos de ódio. A falsa sensação de anonimato e a falta de regulamentação nas redes sociais intensificam esse fenômeno.

O conceito de massas remete a uma visão tradicional da dinâmica social, caracterizada pela reunião de grandes grupos de pessoas com características ou interesses comuns. Por outro lado, o termo “bolhas” ganhou destaque recentemente, principalmente com o surgimento das redes sociais e da cultura digital (Santaella, 2018). Segundo Santaella, no prefácio do livro “Como Sair das Bolhas”, de Pollyana Ferrari (2018), as bolhas sociais, no início da era digital, funcionavam como espaços de proteção e controle da privacidade. Elas ofereciam um refúgio contra a invasão da vigilância, permitindo que as pessoas interagissem e compartilhassem informações de maneira restrita, decidindo o que seria divulgado fora desse ambiente. Esses espaços eram temporários e bem delimitados,

possibilitando uma gestão personalizada dos dados pessoais e das interações. Atualmente, as bolhas são mais associadas à polarização e à fragmentação da sociedade. Elas representam grupos isolados que compartilham visões semelhantes e têm pouca exposição a opiniões divergentes, dificultando o debate racional. A descentralização da informação e a ascensão de meios alternativos na internet contribuem para a formação dessas bolhas, onde os indivíduos são expostos apenas a conteúdos que reforçam suas crenças. Isso leva à disseminação de notícias falsas, intensificando o fechamento dentro dessas bolhas e a resistência a informações conflitantes. Conseqüentemente, nas redes sociais, há uma tendência ao comportamento agressivo e à intolerância, com ataques e descrédito de quem discorda, alimentando um ciclo de polarização (Santaella, 2018, p. 16).

1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para alcançar os objetivos propostos pelo projeto e aprofundar a compreensão acerca da formação e manutenção das bolhas sociais e sua relação com a produção do discurso de ódio, empregou-se uma abordagem fundamentada nas fontes de informação teórica disponíveis. Este enfoque envolveu uma revisão bibliográfica especializada, que reuniu artigos acadêmicos e obras literárias pertinentes aos temas: sociedade, Estado, sociologia, processos grupais, ideologia, bolhas sociais, redes sociais digitais, entre outros correlatos, visando discernir diversas correntes teóricas e metodológicas que delineiam a produção acadêmica nesses assuntos. Os recursos utilizados incluíram a consulta a bibliotecas e indexadores de periódicos, tais como o Google Acadêmico, Scielo, Pepsic, Biblioteca virtual de saúde e Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações. O processo inicial consistiu na pesquisa de autores clássicos que contribuíram com a definição do conceito de formação de grupos e sobre a relação desse com sujeitos seus membros e diferentes.

Em seguida, realizou-se uma busca por artigos teóricos selecionados para integrarem a fundamentação teórica com o intuito de extrair informações acerca da formação dos grupos sociais e do conceito de ideologia, sob as perspectivas psicológica, sociológica e psicanalítica. Além disso, foi realizada uma sistematização da bibliografia examinada, buscando contextualizar a formação das bolhas sociais e o discurso de ódio nas redes sociais. Essa análise teve como objetivo analisar e discutir sobre os mecanismos e motivações

implícitos à organização humana em grupos sociais bem como seus direcionamentos ao pensamento ideológico, que alimenta as denominadas bolhas sociais. As informações obtidas por meio da elaboração do levantamento bibliográfico foram incorporadas ao texto, que foi ganhando corpo e sendo produzido com vistas à produção de um artigo científico de revisão narrativa de literatura. Em seguida, a pesquisadora buscou em alguns canais de comunicação como Facebook e Instagram os perfis de jornais de grande circulação pelo país com notícias atuais sobre política. Os resultados de alguns deles são apresentados a seguir.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa teórica e da busca documental com dados obtidos pelos perfis de jornais nas redes sociais digitais, obtêm-se que os resultados indicam que as redes sociais, por meio de algoritmos que favorecem a exposição seletiva a conteúdos, amplificam a formação de bolhas sociais. Esses algoritmos, ao priorizar informações baseadas nos interesses do usuário, acabam criando ambientes homogêneos onde as diferenças são excluídas ou combatidas. A análise psicanalítica do discurso de ódio revela que ele é uma expressão de angústias internas e inseguranças projetadas nos outros. O sujeito que propaga o ódio online o faz para reafirmar sua identidade e proteger seu senso de superioridade. A internet facilita esse comportamento ao oferecer anonimato e a possibilidade de criar perfis falsos, permitindo que o discurso de ódio se espalhe rapidamente sem consequências imediatas. A psicanálise, especialmente por meio das teorias de Freud e Bion, ajuda a entender que a intolerância ao outro, expressa nas redes, está ligada à recusa de lidar com aspectos indesejados do próprio eu. Nesse contexto, a função das bolhas sociais é proteger o indivíduo dessas confrontações internas, mantendo-o em um ambiente seguro e familiar, mesmo que à custa do isolamento e da agressividade contra o diferente. Do ponto de vista sociológico, o estudo destaca que o comportamento dentro das bolhas sociais se assemelha ao de grupos de massa descritos por autores como LeBon e McDougall. A adesão a grupos homogêneos, com valores e crenças comuns, faz com que o indivíduo renuncie a parte de sua autonomia, agindo de acordo com as expectativas e normas do grupo. Esse comportamento se intensifica nas redes, onde as interações são rápidas e muitas vezes impulsivas, favorecendo a disseminação de discursos extremistas. A seguir, serão

apresentados alguns fragmentos de “discurso de ódio” obtidos por publicação nas redes sociais digitais:

1. Publicado na rede social “Facebook”, na página do Jornal Folha de São Paulo, no dia 13/09/24:



Observa-se pelos comentários dos dois internautas a presença de bolhas sociais, uma vez que o comentário do primeiro tem o intuito de elevar e elogiar a atitude do ministro do Supremo Tribunal Federal, ao passo que o comentário do internauta, logo abaixo situado na página da rede social, refere ao primeiro comentador e a todos os que elogiam a atitude do Ministro como “imbecis”. Nesse sentido, é possível observar, por exemplo, que não há qualquer intuito de aprofundamento da discussão de parte de qualquer um dos dois

participantes, apenas a busca pela exposição da opinião própria e da exclusão de opiniões divergentes.

2. Publicado na rede social “Instagram”, na página do canal jornalístico “Globonews”, no dia 14/09/24:



Na notícia acima publicada observa-se, mais uma vez, a polarização entre os indivíduos, tanto entre os que apresentam opinião de apoio quanto contrária. Especificamente nesse caso, o último comentário pode ser destacado por haver características do mecanismo de defesa do ego conceituado como projeção, uma vez que as redes sociais digitais se instauram como ambiente aberto com usuários que possivelmente não se conhecem cotidianamente. Por exemplo, quando o indivíduo afirma: “você é um pobretão que acha que é rico...” está supondo ser o primeiro que comentou alguém que se

situa no outro campo da polarização, por isso, depositário de todas as características que devem ser rechaçadas e combatidas.

3. Publicado na rede social “Facebook”, na página do canal de notícias “BBC News”, no dia 11/09/24:



A partir da notícia apresentada anteriormente, é possível destacar mais um comportamento de “bolha social”. O *modus operandi* dos dois indivíduos ao opinarem pode ser destacado como ele, tal como se estivessem comentando com uma espécie de espelho, para si mesmos ou para o grupo de iguais. Isso porque, conforme se observa, o sujeito que opina por primeiro anuncia sua preferência por um dos candidatos à presidência dos Estados Unidos da América e o segundo comentador utiliza-se de conteúdos ofensivos à inteligência e à moral do primeiro, sem qualquer intenção de ampliar o debate, apenas

rechaçar a opinião contrária. É interessante destacar também, que as redes sociais digitais, como uma grande arena de exposição propicia que os leitores das opiniões apresentem reações aos comentários. Note-se que nesse caso, há reações positivas e de escárnio ao primeiro e, o segundo conta com reações de apoio.

CONCLUSÃO

O estudo mostra como as transformações sociais e tecnológicas favorecem a formação de bolhas sociais e a propagação do discurso de ódio no ambiente digital. O conceito freudiano de "narcisismo das pequenas diferenças" explica por que as pessoas tendem a se agrupar em torno de semelhanças, rejeitando o diferente. Esse processo psíquico é intensificado pelas redes sociais, levando à polarização e ao isolamento de indivíduos em subgrupos. A análise psicanalítica revela que a intolerância ao outro é uma projeção de inseguranças internas, manifestadas por meio de agressões virtuais, facilitadas pelo anonimato e pela falta de responsabilização nas plataformas digitais. Assim, a ausência de controle sobre os discursos de ódio impede a criação de ambientes de convivência pacífica e respeito à diversidade. O estudo destaca a necessidade de repensar o papel das redes sociais, promovendo regulamentações claras e estratégias que incluam diferentes perspectivas. Isso ajudaria a romper o ciclo de isolamento e polarização. Conclui-se que, para lidar com a polarização, é essencial incentivar diálogos mais abertos e democráticos nas redes e fora delas, promovendo uma sociedade mais consciente e tolerante, que valorize as diferenças ao invés de rejeitá-las.

REFERÊNCIAS

BION, W.R. EXPERIÊNCIAS COM GRUPOS: os fundamentos da psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro (RJ). Imago, 1970. 184 p. (Coleção Psicologia psicanalítica)

CHINOY, Ely. SOCIEDADE: uma introdução à sociologia. São Paulo (SP). Cultrix, 2003. 734 p.

DELLA TORRE, M. B. L. O HOMEM E A SOCIEDADE: uma introdução à sociologia. 5. ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1976. 243 p.

SILVA, Débora et al. Um Estudo Psicanalítico sobre a Formação de Grupo. ID on line. Revista de psicologia, v. 10, n. 30, p. 336-344, 2016.

FREITAS, Georgete Lopes et al. Liberdade de expressão e discurso de ódio nas redes sociais. 2024.

FREUD, S. Totem e Tabu (1912-1913). Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

_____. (1921/2011). **PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU. IN OBRAS COMPLETAS, VOL. 15:** Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923). São Paulo, Companhia das Letras.

REINO, L. M. G.; ENDO, P. C. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. Trivium-Estudos Interdisciplinares, v. 3, n. 2, p. 16-27, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. O CONTRATO SOCIAL: princípios do direito político. São Paulo (SP). Martins Fontes, 1998. 186 p.

SANTAELLA, Lucia. Do clímax ao anticlímax das redes sociais. Prefácio. In: **FERRARI**, Pollyana. Como sair das bolhas. São Paulo. EDUC, 2018.

WINNICOTT, Donald W. **O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE MATURAÇÃO**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 2013.